

AS LUTAS SOCIAIS, OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O “PADRÃO FIFA”

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
Aquele que sabe que é negro
o coro da gente
E segura a batida da vida o ano inteiro
Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
Aquele que sai da batalha
Entra no botequim, pede uma cervinha gelada
E agita na mesa logo uma batucada
Aquele que manda o pagode
E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
Pois o resto é besteira
E nós estamos pelaí...*

Eu acredito é na rapaziada...
(Trechos da música “Acredito na Rapaziada” de Gonzaguinha)

A JUVENTUDE E AS LUTAS SOCIAIS

Com essa epígrafe estamos nos reportando aos últimos acontecimentos protagonizados pela juventude brasileira que, juntamente com outros segmentos

da sociedade, foram às ruas das cidades brasileiras, para reacender o fogo das lutas sociais e garantir a luta por direitos civis e políticos, isto é, pelo imenso

projeto de formação da “cidadania como um processo em construção”¹. Como se pode verificar, a juventude brasileira voltou às ruas após vinte anos, no maior ascenso do movimento popular depois do movimento “Fora Collor” em 1992. Os jovens foram às ruas, mostrando a cara pintada e a força popular contra os aumentos dos preços dos transportes públicos. “Inicialmente pareciam apenas lutar por vinte centavos no rebaixamento da tarifado transporte coletivo, que ganhou força com o emblemático protagonismo do Movimento Passe Livre e da Frente de Luta pelo Transporte Público de Qualidade”. O rebaixamento na tarifa do transporte coletivo foi conquistado em mais de cinquenta cidades. O ponto de partida desses protestos está diretamente ligado à questão da mobilidade urbana, o aumento do preço da passagem. Trata-se, portanto, de uma retomada das lutas sociais pela juventude brasileira, cujas mobilizações “tem o potencial de lançar as bases para construir força na sociedade brasileira suficientes para retomar a luta pelas reformas estruturais”.² O que era uma luta específica se tornou uma indignação generalizada. Ela tem origem no desmonte dos serviços públicos essenciais (saúde, educação, segurança, etc.). A amplitude das mobilizações exigiram a imediata apresentação e a execução de propostas definidas pelo poder público. Entre as muitas bandeiras içadas, o combate à corrupção, o incremento da saúde, a melhoria do ensino, na crescente destinação para os ricos, os grandes bancos e os monopólios privados dos recursos que

deveriam ser investidos nessas áreas e, com ênfase, o repúdio à PEC 37.

Vale destacar que, a exemplo de outros movimentos contestatórios de massa, ocorridos no mundo nos últimos anos, como o *Occupy Wall Street*, a Primavera Árabe, a resistência na Síria, a ocupação da praça Taksim, na Turquia, e mais recentemente, a derrubada do presidente Mursi do Egito, os protestos nas ruas do Brasil tiveram sua principal forma de organização através das redes sociais, que se configuram como estratégias democráticas, descentralizadas e eficazes, proporcionadas pelas novas tecnologias digitais de comunicação.

As redes sociais desaguararam nas ruas e o que se viu nesses dias de junho, durante a Copa das Confederações, foi a ampliação das reivindicações para além do transporte, extrapolando para outras políticas públicas. Inclusive contra os enormes gastos financeiros que estão sendo feitos para a Copa do Mundo num país marcado pelas profundas desigualdades sociais. O que se viu foi a juventude, somada a diversos seguimentos sociais, movimentos sociais e partidos, protestar com indignação contra gastos com os Megaeventos Esportivos no Brasil, nomeadamente, a utilização de recursos públicos com as arenas esportivas exigidas no “padrão FIFA”.

A partir daí, o país foi tomado por um forte sentimento difuso de insatisfação com os políticos e as políticas públicas em geral. As manifestações que se espalharam por todo o país, tomando proporções históricas e mobilizando milhões de pessoas. De

1 BOTELHO, André; SCHWARTZ, Lília Moriz (Orgs.). **Cidadania um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

2 *Jornal BRASIL DE FATO*, 20 a 26/06/2013 p. 2.

fato, esse momento histórico é muito difuso, multidimensional e contraditório, conforme a leitura de alguns estudiosos. O sociólogo Francisco de Oliveira³ assim se posicionou diante do fenômeno das manifestações sociais puxadas pelos jovens:

Estou surpreso por duas razões. Em primeiro, o povão em geral demonstrou uma capacidade e uma iniciativa que ninguém acreditava, nem nós. Isso é promissor do ponto de vista brasileiro. A contradição é que os objetivos são muito difusos e, portanto, difíceis de alcançar. [...] nunca houve nada parecido pela amplitude no país. É uma experiência realmente nova na política de massas do Brasil, realmente nova.

Cumpre destacar que esse conjunto de mobilizações da juventude surge num momento em que a sociedade brasileira encontra-se diante de um dilema, a saber:

[...] por um lado, as seguidas derrotas eleitorais impedem as forças neoliberais de imporem sua agenda clássica dos anos 1990. Fazem uma movimentação alternativa para, gradativamente, incidir sobre o governo Dilma. O melhor exemplo dessa movimentação são as recentes **medidas privatizantes do governo federal** (grifos nossos). Por outro lado, as vitórias eleitorais para as quais as forças populares contribuíram, também não possibilitaram as mudanças estruturais. Eis o dilema. A alternativa construída nos últimos anos foi o **neodesenvolvimentismo** que apresentou um programa que contempla tanto a burguesia interna quanto as forças populares. Entretanto, as reformas estruturais continuam fora da agenda política brasileira⁴.

O “alerta das ruas” apresenta impasses e desafios a serem reconhecidos e enfrentados, quais sejam: em primeiro lugar os interesses eleitoreiros das forças de direita em canalizar os protestos para desestabilizar o governo federal; em segundo lugar o alerta que fica para os partidos de esquerda, que, agora, mais do que nunca, devem reconhecer que a juventude e os trabalhadores em geral, estão fartos da política burguesa e mercantil instaurada pelo neoliberalismo. Todo esse *imbroglio* político-ideológico exige a unidade das forças populares e efetivamente de esquerda (movimentos sociais, partidos e organizações sociais informais) para avançar no projeto popular.⁵

Diante dessa conjuntura, pode-se dizer que esse momento histórico demonstra que a juventude ladeada pelo povo na rua tem o poder de mudar programas, projetos e políticas públicas. Contudo, o mais emblemático e contraditório para reflexão nessas recentes lutas sociais reside no fato dessas manifestações difusas darem sinais de que essa insatisfação vem acompanhada do desprezo pela política e pelas instituições, assim como a repulsa aos partidos e movimentos sociais. Neste sentido, não podemos aceitar os argumentos da mídia burguesa e os partidos de direita que tentaram, durante as mobilizações, despolitizar e desqualificar o papel histórico dos partidos e os movimentos sociais de esquerda que, ao longo da história, vem resistindo às destruições do capitalismo neoliberal nos âmbitos dos direitos sociais dos trabalhadores. Diante disso, torna-se imprescindível, lembrar que:

3 Em entrevista à Folha de São Paulo (30/06/20130, p. A14).

4 Jornal BRASIL DE FATO, 20 a 26/06/2013 p. 2).

5 Jornal BRASIL DE FATO, 27 a 03/07/2013 p. 2.

Se hoje temos alguns direitos conquistados, como regulamentação da jornada de trabalho e serviços públicos, isso não se deve à bondade dos poderosos, mas sim à luta dos trabalhadores, da juventude e do povo! Por isso, a participação dos trabalhadores organizados em entidades de classe, como sindicatos, associações e partidos políticos, bem como dos movimentos populares nos processos de luta social foram sempre fundamentais. São os trabalhadores que produzem toda a riqueza existente, mas que é apropriada de forma privada. São os que constroem casas, e não tem casa para morar. São os que plantam e colhem, e que muitas vezes não tem um pão para comer. São os que dirigem os ônibus, e não podem pagar as tarifas abusivas. Os gritos contra a corrupção refletem o impedimento da participação do povo nas decisões políticas mais importantes. Esses clamores apontam os corruptos, mas precisam denunciar, sobretudo os corruptores: as máfias dos bancos, das empreiteiras, do agronegócio, do transporte! E a grande mídia é o seu verdadeiro porta-voz!⁶

A manifestação popular de repercussão internacional amedrontou a classe política, agora silenciosa e escondida. A Presidente da República enveredou perdida pela importação de médicos de qualificação profissional duvidosa. Afrontou a inteligência nacional com a promessa de resgate dos bilhões contraídos para a construção dos estádios faraônicos sem utilização pós-copa – a exemplo do que aconteceu na África do

Sul – pelos apaniguados da FIFA, denominados de operadores do futebol. A tentativa de asfixiar a rebeldia popular e de manter a escravatura política pelas mazelas planaltinas crescentes somente será detida diante da eficaz resposta nas urnas, com a expulsão dos políticos desonestos da vida pública.

OS MEGAEVENTOS, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O “PADRÃO FIFA”

“Seria um aperitivo para a Copa do mundo, um ano antes. Era de se esperar brasileiro enrolado na bandeira e rosto pintado com tinta verde e amarela. Ninguém previa, no entanto, que **a massa apaixonada pelo futebol se aproveitaria da vitrine do planeta bola para estourar a revolta mais ampla da história recente do país** (grifos nossos). Nas últimas semanas, 1,2 milhão de pessoas saíram às ruas - e o sentimento nacionalista esperado para acender nos estádios recém-inaugurados mudou de rumo, se transformou em brado de uma **multidão que canta o hino como apelo por melhorias** (grifos nossos)⁷.

Com efeito, durante a Copa das Confederações, as manifestações que ocorreram nas cidades dirigiram seus focos às lutas por dignidade na política nacional, recrudesceram-se as críticas e protestos, entre outros, contra gastos públicos nos Megaeventos Esportivos, nomeadamente, a Copa do Mundo de 2014 no Brasil⁸.

6 Carta endereçada aos manifestantes de Florianópolis, assinada pelas seguintes entidades: ANDES - Seção sindical da UFSC, SINDSAÚDE, APRASC, SINDES, MST, MPL, ASSIBGE, ANEL, CSP-CONLUTAS, SEEB, SINTRAJUSC, FRENTE DE LUTA PELOTRANSPORTE PÚBLICO, SINTE Florianópolis, SINTE São José, Movimento por uma Universidade Popular – MUP)

7 **Patriotismo renasce**. Diário Catarinense, 30 de junho de 2013, geral, pág. 37.

8 Carta endereçada aos manifestantes de Florianópolis, assinada pelas seguintes entidades: ANDES - Seção sindical da UFSC, SINDSAÚDE, APRASC, SINDES, MST, MPL, ASSIBGE, ANEL, CSP-CONLUTAS, SEEB, SINTRAJUSC, FRENTE DE LUTA PELOTRANSPORTE PÚBLICO, SINTE Florianópolis, SINTE São José, Movimento por uma Universidade Popular – MUP)

Em áreas próximas às arenas esportivas (estádios), podia-se ver o aparato repressor da polícia e as manifestações de crítica e ironia a FIFA ou ao “Padrão FIFA”, conforme as fotos na capa desta edição: “Da Copa eu abro mão! Quero Saúde e Educação” e “Queremos escolas Padrão FIFA”. Viam-se os gritos e cartazes indignados dos manifestantes com os seguintes protestos: “Menos Copa e mais serviços públicos de qualidade”, “Chega de dinheiro público gasto na Copa”, “Pelo fim das remoções de famílias pobres para as obras da Copa”, “Fim das privatizações e terceirizações”, “Defesa incondicional do SUS público, gratuito, estatal, universal e de qualidade”, “Educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis”, “10% do PIB para a educação pública, já!”, “Desmilitarização da polícia e dos bombeiros” e “não à criminalização e repressão aos movimentos sociais e sindical”.

Com efeito, a exemplo do sociólogo Francisco de Oliveira, também ficamos duplamente surpreso com as manifestações e as contradições inerentes a essa retomada das lutas sociais engendradas pela juventude, isto é, pela luta de caráter mais abrangente contra as políticas públicas e a corrupção e, simultaneamente, pelos protestos anti-megaeventos e, evidentemente anti-Copa do Mundo no Brasil/2014.

A propósito, gostaríamos de destacar que a revista Motrivivência, já vinha incrementando este debate em edições passadas, tanto nos dossiês dedicados ao tema, quanto nos editoriais.

Nestes termos, logo após a realização dos Jogos Pan-americanos de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, publicamos o editorial *Do Pan Rio/2007 à Copa 2014 no Brasil. Que Brasil? E para qual Brasil?* (ano XVIII, nº 27, dez./2006)⁹, no qual apresentávamos razões para sugerir esse tema ao debate e expressávamos nossa estranheza com a ausência de reflexões teóricas da nossa comunidade acadêmica sobre o mesmo. A seguir, apresentando o dossiê antes referido, o editorial *Os “Negócios Olímpicos” de 2016 no Brasil: “o esporte pode tudo?”* (ano XXI, n. 32/33, jun.-dez./2009)¹⁰ trouxe nossas reflexões sobre o risco de vermos os descalabros políticos e econômicos, observados na preparação para o Pan do Rio de Janeiro, se repetirem, agora em dois megaeventos a serem realizados no Brasil: a Copa do Mundo da FIFA (2014) e os Jogos Olímpicos de 2016. O tema dos megaeventos retornou, mais recentemente, em editorial de um número temático que abordava as transformações do Mundo do Trabalho diante de nova crise do capitalismo, sob o título *O mundo do trabalho, os megaeventos esportivos e a crise estrutural do capital* (ano XXIII, nº 36, jun./2011)¹¹.

Isso posto, quando recorremos a esses textos e editoriais, vamos perceber que o título deste editorial “*As lutas sociais, os Megaeventos Esportivos no Brasil, as políticas sociais e o Padrão FIFA*”, já vinha sendo profundamente analisado por pesquisadores do nosso campo, que levantaram questões de relevância social e acadêmica para a continuidade dos debates e das pesquisas:

9 Em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1729/1897>

10 Em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/15530/14086>

11 Em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n36p07/19632>

os Megaeventos Esportivos, “crise estrutural do capital” e as desigualdades sociais e os megaeventos Esportivos no Brasil, a articulação das lutas por políticas sociais emancipatórias e as políticas esportivas, os gastos públicos com os Megaeventos Esportivos, o questionamento sobre os “legados” dos Megaeventos Esportivos, as tensões entre capital e trabalho (greves dos trabalhadores na construção dos estádios) e outros pontos da agenda das lutas sociais.

Depois dessas reflexões sobre o contexto social do país no momento em que finalizamos a produção dessa edição, falamos agora um pouco sobre esse número da Motrivivência. Por opção editorial, não apresentamos a tradicional Seção Temática (dossiê) nesta edição de número 40, que deve retornar na próxima edição. Neste sentido, considerando o momento histórico que estamos vivendo, principalmente, no que diz respeito à onda de protestos e reivindicações da juventude e da sociedade brasileira por dimensões emancipatórias das agendas das políticas públicas e sociais, urge pensar em temas que possam seguir e dar consequência ao rumo dos últimos acontecimentos históricos. Assim, lançamos desde já a seguinte **questão orientadora** da Seção Temática da próxima edição, para a qual convidamos os colaboradores a refletirem:

Considerando a experiência da juventude cidadã nas manifestações recentes, como a Educação Física, poderá contribuir com suas práticas pedagógicas para a reflexão crítica e propositiva tendo em vista a realização dos próximos megaeventos esportivos no Brasil (Copa do Mundo/2014 e Jogos Olímpicos/2016)? Essa edição da Motrivivência se

caracteriza por uma grande variedade de abordagens sobre temas relacionados ao campo da Educação Física. Assim é que, na seção de artigos originais, a formação inicial e continuada é abordada em dois textos: *Sichelero* e *Rezer* fazem a crítica ao atual modelo de formação continuada, entendida como mera capacitação e normalmente desenvolvida em cursos de curta duração; já *Robson Frank* e *colaboradores* enfocam as possibilidades e limites da formação inicial e continuada específica de professores de Educação Física que atuam na Educação Especial, âmbito de ensino, aliás, que é analisado por *Quadros*, desde uma perspectiva psicomotora.

A prática pedagógica na Educação Física escolar é tematizada em dois estudos. *Martiny* e *colaboradores* a refletem as preocupações acadêmicas no âmbito do estágio supervisionado, enquanto *Pinheiro* e *colaboradores* interpellam as preferências dos alunos em relação aos conteúdos das aulas de Educação Física de escolas de Montemor, Portugal. Também integra essa seção o estudo de *Fernandes* e *colaboradores*, que refletem criticamente sobre a inclusão de conteúdos da Educação Física nas provas do ENEM.

Ainda na seção, três artigos tematizam o esporte. O artigo de *Gawryszewsk* analisa o discurso da imprensa sobre esporte nas comunidades cariocas ocupadas pela polícia. O esporte, no caso, o futebol, também é tema da pesquisa de *Hirota* e *colaboradores*, que avaliam a orientação motivacional para tarefa de crianças e jovens de dois ambientes de prática daquela modalidade esportiva. Enquanto isso, *Figueiredo* e *Taffarel* investigam as políticas

públicas setoriais de esporte, mirando os documentos das três conferências nacionais de esporte.

Já na seção Porta Aberta, a diversidade de temas é acompanhada pela variedade de formas das contribuições. Temos ali relato de experiência sobre projeto de dança em uma universidade paranaense, descrita por *Marques e colaboradores*, e sobre a inclusão dos jogos tradicionais/populares como conteúdo pedagógico de uma intervenção no âmbito do PIBID, conforme relatado por *Franchi. Retondar e Harris*, em um ensaio, refletem teoricamente sobre a associação entre jogos eletrônicos e violência; ensaio também é a forma escolhida por *Frizzo* para pensar o objeto da Educação Física e a produção do conhecimento em duas concepções distintas. A seção Porta Aberta traz ainda uma resenha, apresentada por *Simon e colaboradores*, a respeito de uma tese de doutorado que pensa as aproximações do

teatro e do espetáculo futebolístico.

Na seção de imagens e homenagens, temos a satisfação de homenagear e expressar com isso nosso reconhecimento ao grande professor e pesquisador **Valter Bracht**, contando para isso com a cumplicidade generosa do professor *Felipe Quintão Almeida*, autor das notas biográficas sobre a vida e a carreira acadêmica do querido amigo Valter.

Por fim, ficam registrado nossos agradecimentos aos autores, revisores e ao pessoal de apoio técnico-editorial que possibilitaram a produção de mais um número da Motrivivência, mantendo assim sua regularidade e periodicidade.

Uma boa leitura a todos/as! E obrigado pelo prestígio da companhia! Encerramos reiterando os versos de Gonzaguinha citado na epígrafe: “Eu acredito é na rapaziada...”

Florianópolis, junho de 2013.

Os editores